

LIVRARIAS E BIBLIOTECAS NA EUROPA DOS TEMPOS MODERNOS

António Barros Cardoso

DHEPI - Departamento de História e Estudos Políticos e Internacionais.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

acardoso@letras.up.pt

RESUMO

O presente artigo pretende demonstrar a importância que os livros tiveram na construção do espaço europeu moderno, dividido pela postura intelectual no mundo católico e no mundo protestante. As prateleiras das bibliotecas e as formas de ler, refletem os caminhos comuns e divergentes dessa construção.

PALAVRAS CHAVE: Bibliotecas, vida cultural europeia, mosteiro de Tibães

ABSTRACT

This article seeks to demonstrate the importance that books played in building the modern European space divided by intellectual position in the Catholic world and in the Protestant world. The shelves of libraries and how to read, reflect the common and divergent paths that construction.

KEYWORDS: Libraries, cultural European life, monastery of Tibães

INTRODUÇÃO

A vida cultural europeia foi marcada pelas grandes transformações operadas no pensamento dos intelectuais dos séculos XVII e XVIII. Se o Renascimento europeu conseguiu relativizar o mundo conhecido até meados do século XV, através do questionar das verdades físicas do saber greco-latino moldado pela consciência cristã medieval, a verdade é que representou já uma fase de viragem no sentido de apontar um novo olhar para a realidade. Chegados ao século XVI, questiona-se a natureza, mede-se a terra, aponta-se no sentido da matematização das realidades, procura-se já a objetividade

análítica baseada no experimentalismo e, daí ao questionar do papel de Deus no processo de desenvolvimento dos povos, foi um passo. Critica-se a postura acrítica da igreja católica, os crentes no cristianismo questionam mesmo o seu papel através da teologia positiva, de encontro à teologia dogmática herdeira da tradição escolástica medieva.

Diria, a Europa entra em revolução. Neste processo, o livro teve um papel determinante. A descoberta do mecanismo da imprensa em meados do século XV rompe com a cultura da comunicação assente nas leituras em voz alta e substituiu-a pela cultura da comunicação silenciosa, mais reflexiva e libertadora do individuo, relativamente ao controlo da comunidade⁶⁸. São exemplo as universidades, onde agora os estudantes passaram a escutar os mestres, acompanhando o que diziam pela leitura das sebatas impressas. Passaram a ter a possibilidade de reler o que ouviam. Passaram a usar em simultâneo os sentidos da audição e da visão, refletindo sobre as problemáticas que lhes eram apresentadas, elaborando raciocínio próprio sobre elas, apontando novas soluções e criando novos problemas para os quais a sua própria razão os impelia. Era o devir racional em marcha que foi caracterizando a vida cultural da Europa dos séculos da modernidade.

A geografia cultural da Europa no período moderno (séculos XVI a XVIII) começa de facto a desenhar-se a par do desenvolvimento da tipografia e da edição de livros que surgem agora a um ritmo alucinante quando comparado com a lentidão do labor paciente dos monges dos *scriptorium* medievos. O livro impresso passa a chegar a um número mais alargado de pessoas. Agora está ao alcance não apenas das elites sociais religiosas, ou não, e chega a vastos setores da população europeia que começa a saber ler, mas não a saber, necessariamente, escrever⁶⁹. Contudo esta mudança conduz a uma autêntica revolução no devir do pensamento europeu. Refletindo sobre o que se ia lendo, passou a questionar-se a autoridade dos autores sagrados e profanos, revisitou-se de forma crítica a cultura greco-latina, avaliou-se a fundamentação do cimento religioso e, conseqüentemente, a autoridade do poder político – muita coisa foi posta em questão. Os Renascimentos europeus dão largos passos para a valorização da razão versus tradição, começa o endeusamento do pensamento racional positivo que acabou por dar solidez à afirmação das ciências em finais do século XVIII.

Esta revolução tranquila, com assimetrias regionais de intensidade, atravessou toda a Europa. Nos territórios que hoje compõem a Alemanha, Lutero protagonizou de forma mais vincada o questionar da ilimitada autoridade papal, estendendo a questão a outros quadrantes geográficos europeus – Países Baixos, Inglaterra e boa parte da França, seguiram-no. O livre exame do livro sagrado conduziu à tradução da Bíblia que começa a

⁶⁸ CHARTIER, Roger – *As práticas da escrita*: in “História da Vida Privada – do Renascimento ao Século das Luzes”, Porto, Edições Afrontamento, Vol. 3, p. 113.

⁶⁹ Idem, *Ibidem*, p. 114.

ser editada, sem o controle da autoridade romana, nas línguas dos países aderentes ao movimento protestante. Procuram-se nela os caminhos da verdadeira santidade alicerçada no cristianismo, como se buscam nos originais gregos e latinos os fundamentos do conhecimento clássico que havia sido mutilado pela censura eclesiástica medieval.

Por isso, é maior a necessidade de alfabetização para proporcionar aos cidadãos o contacto com o principal elemento de comunicação da época – o documento escrito. O livro, enquanto veículo cultural vivo, vê agora o seu ciclo completo. Ele começa na ideia do autor, materializada através da escrita e tornada acessível aos leitores através do editor. Ao ler um livro o leitor reescreve o próprio livro, fazendo-o regressar ao ponto de partida, ou seja, fá-lo voltar a ser ideia, agora baseada na reinterpretação da ideia original. As ideias trocam-se, discutem-se, servem as teses que empolgam os seus autores, despertam paixões e, simultaneamente, fazem brotar grandes ódios. Apesar de tudo isso são elas que fazem avançar a humanidade e o livro foi, e ainda é, veículo de ideias.

A revolução operada na forma de produzir o livro a partir do século XVI gerou uma geografia cultural europeia que, de forma simplista dividimos em dois grandes espaços: um constituído pelos países protestantes e outro que integra os países católicos.

LIVROS E “LIVRARIAS” NO ESPAÇO EUROPEU

As bibliotecas herdadas do período medieval mantêm-se na Época Moderna no círculo fechado da corte. A par, as livrarias monásticas continuam a fortalecer as suas variantes temáticas, agora beneficiando de dois fatores fundamentais ao seu engrandecimento, o livro impresso que reproduz os clássicos do cristianismo e o arsenal livresco normativo gerado a partir da Reforma Católica que tenta combater Lutero, Calvino e os seus seguidores, apostados na divulgação do livro evangélico e em temáticas que opõem a teologia positiva à teologia dogmática que continuaria a vingar por muito tempo ainda na Universidade de Paris, energicamente combatida pelo nosso humanista André de Gouveia que viria a destacar-se na Universidade de Bordéus e mais tarde no Colégio das Artes de Coimbra, que fundou. Em Portugal estas bibliotecas funcionaram até ao século XVIII como repositórios livrescos que, muito embora mais frequentados por monges e eclesiásticos e importantes na sua formação, estavam abertas aos nobres, aos filhos da burguesia que estudavam na Universidade e menos ao cidadão comum. Elas incorporavam igualmente um número significativo de livros reservados – interditos à consulta sem autorização especial das autoridades censórias.

Nos países protestantes, as bibliotecas monásticas abrem-se ao arsenal livresco da Reforma, escancaram-se aos livros de autores proibidos pelos índices da censura católica e

tornam-se repositórios de obras clássicas publicadas na língua original – o grego e o latim – ou através de traduções sujeitas ao rigor da melhor filologia da época. Particularmente na Alemanha e, em algumas áreas da França fronteira e nos Países Baixos, prolifera a edição e os índices de alfabetização vão exigindo repositórios públicos de bibliografia de espectro temático alargado. Simultaneamente, começam a acumular-se em casas de família repositórios privados que são embriões de livrarias particulares e que, em alguns casos, deixaram marcas. Falamos, é claro, da privatização da leitura que resulta da circunstância de, entre os séculos XVI e XVIII, passar a haver mais livros para mais leitores. O livro torna-se um objeto mais presente na intimidade da residência e o número dos que possuem pequenas bibliotecas é evidenciado sobretudo através dos inventários pós-morte onde, crescentemente, se descrevem os livros que o indivíduo legou⁷⁰. Em meados do século XVIII, Tübingen, Spire e Frankfurt, cidades alemãs, a percentagem de inventários *pós-mortem* que incluem livros situa-se entre os 77 e os 89%, o que contrasta com países católicos como a França onde Paris regista, na década de 1750, apenas 22% de presença livresca no mesmo tipo de documentos e, mesmo em cidades de grande produção livreira, caso de Lyon, essa percentagem fica-se pelos 35%, considerada a documentação da segunda metade do século⁷¹.

Nas regiões luteranas da Europa, qualquer que seja o nível social do proprietário da livraria particular, ela organiza-se regularmente em torno do mesmo conjunto de livros religiosos. Para além da Bíblia, surgem invariavelmente os livros de devoção e de espiritualidade, os manuais de preparação para a confissão e comunhão e os livros relativos aos cânticos culturais. Variam nos títulos, nos impressores e nas edições, mas este é o cimento onde assentam as livrarias privadas. Mas, como noutras áreas da História, também a história do livro se alimenta do que é descontínuo.

Nestes conjuntos bibliográficos, para além do que lhes é comum, surgem outros em função da fortuna do colecionador e dos interesses particulares. Contudo, no mundo protestante a leitura em voz alta coexiste com a leitura silenciosa e os leitores voltam quase sempre à releitura dos livros que constituem a base das suas livrarias constituídas pelo livro religioso. Cabe aqui o testemunho de William Penn “Tenham apenas alguns livros, mas bem escolhidos e bem lidos, quer versem temas religiosos quer civis. Ler muitos livros só faz com que o espírito se afaste demasiado da meditação. Ler muito é uma opressão para o espírito” ou o extrato de um sermão publicado em Boston, em 1767, que recomenda: “Sede aplicados quando fizerdes a leitura da Sagrada Escritura: deveis em primeiro lugar todas as

⁷⁰ Por exemplo em Valência, Espanha, o livro é mencionado em um de cada três inventários pós-morte, CHARTIER, Roger – *As práticas da escrita*: in “História da Vida Privada – do Renascimento ao Século das Luzes”, Porto, Edições Afrontamento, Vol. 3, p. 129.

⁷¹ Idem, *Ibidem*, p. 131.

manhãs e todas as tardes ler um capítulo da Bíblia ou uma qualquer passagem de um sermão piedoso e quando lerdos não deveis percorrer o testo e deixa-lo depois – mais vale não ler do que ler assim. Quando se lê é preciso prestar uma atenção muito especial ao que se lê e quando se acaba é preciso pensar no que se acaba de ler”⁷².

Seja como for, no século XVIII as bibliotecas familiares crescem ao ponto de se elaborarem já os primeiros projetos para as chamadas bibliotecas de aparato e ostentação. Transporta-se para o interior das residências, sobretudo dos mais abastados, o modelo de estantes usado já nos grandes repositórios de corte e monásticos, nos quais se dá importância à estética e à funcionalidade na arrumação dos livros: assim os *in-fólio* encontram-se em baixo, os de formato *in-doze* e *in-dezasseis* em cima. A figura 1 documenta a biblioteca no tempo de Luís XV, agora um lugar ao qual se presta atenção especial no que se refere ao conforto e incorporar algum luxo na decoração.

De facto, a leitura silenciosa a que fizemos referência, fez com que o livro passasse de objeto de sociabilidade a companheiro privilegiado de uma intimidade desconhecida. A biblioteca privativa tornou-se para muitos colecionadores e leitores uma espécie de lugar sagrado no contexto da habitação – representa o retiro do mundo – não se trata da antecipação monástica da parusia de quem entrava no cenóbio, mas do experimentar através da leitura, de uma espécie de transe que leva o leitor para outras paragens, fá-lo viajar, conhecer novos lugares, vivenciar e experimentar sensações sem sair, afinal, do seu lugar. Experimenta, dialoga, escuta sem ruído; ele próprio pode discordar do que lê, ousa pensar de forma diferente do que por vezes lhe é apresentado de forma definitiva e irreversível, enfim, pode sonhar, tudo sem se comprometer socialmente. É para muitos intelectuais colecionadores de livros, a liberdade conquistada longe do olhar dos outros.

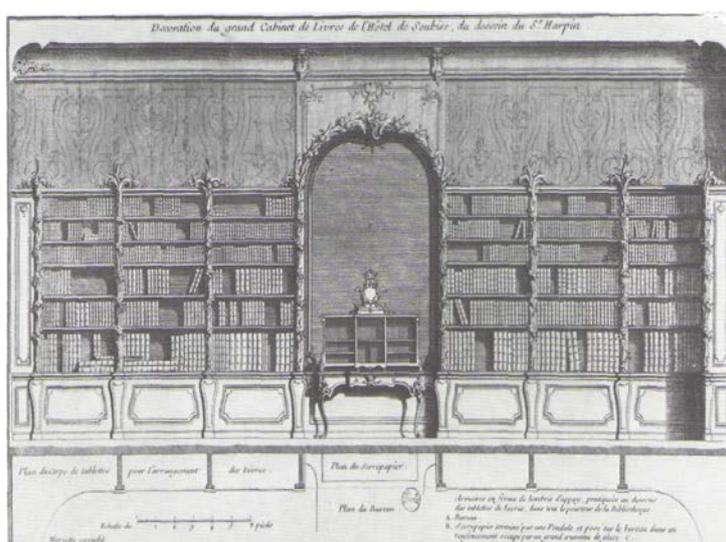


Fig.1 - Biblioteca Luís XV

⁷² Idem, p. 134.

Michel Montaigne (séc. XVI) serve-nos já de exemplo para o século. Filósofo e pensador da Aquitânia (fig. 2) descreve assim a livraria particular que possui no seu chateau “a sua forma é redonda e nada mais tem de plano a não ser o necessário para a minha mesa e para o meu lugar, oferecendo-me humildemente, com um só olhar, todos os meus livros dispostos em cinco degraus a toda a volta”.⁷³ Já para o século seguinte, o escritor inglês Samuel Pepys, cliente assíduo de livrarias deixou no seu diário testemunhos do cuidado que depositava com os seus livros que cuidadosamente adquiria e mandava encadernar para repousarem nas prateleiras da sua biblioteca particular, lugar onde tratava dos seus negócios e guardava simultaneamente o seu dinheiro⁷⁴.

O filósofo John Locke é outro exemplo dos cuidados com a sua livraria particular. Após o seu exílio nas Províncias Unidas e de regresso a Inglaterra, instala a sua biblioteca em duas salas do castelo de Otes, alugadas para esse efeito em 1691 e onde reuniu 3641 títulos⁷⁵, ou seja, uma grande biblioteca particular para aquela época, inícios do século XVIII.



Fig.2 - Michel Montaigne (1533-1592)

Estas bibliotecas têm já em comum a preocupação com a elaboração dos respetivos catálogos e, no caso da livraria de John Locke, cada livro tem a sua assinatura como sinal de apropriação e na décima primeira página de cada livro indica o preço respetivo, o que facilita a perceção do valor da coleção e constitui mais um sinal privado deixado nos livros para evitar o que era e é comum ainda hoje, o furto dos livros ou o livro sem retorno depois de emprestado a alguém.

⁷³ Idem, p. 137.

⁷⁴ Idem, p. 140.

⁷⁵ Idem, p. 141.

ALGUMAS LIVRARIAS PORTUGUESAS – O EXEMPLO MONÁSTICO DE TIBÃES

Em Portugal conhece-se apenas, e de forma parcial, a evolução das livrarias privadas e públicas. Crê-se que o contexto da sua evolução não terá sido muito diferente do quadro europeu que traçamos para os países católicos, importa no entanto referir que resultados conclusivos só serão obtidos após o alargamento do número de teses de mestrado e de doutoramento que confirmem dimensão à amostra científica nesta área.

Começemos pelas bibliotecas monásticas. Sabendo da importância que os Beneditinos votaram à cultura, não se estranha, pois, que as bibliotecas da Ordem de São Bento tenham merecido atenção especial da historiografia.



Fig.3 - Mosteiro de Tibães

A casa maior da ordem em Portugal situava-se nas cercanias de Braga – Tibães (fig. 3). A sua livraria revela, de forma bem vincada, esta vertente cultural. Apresenta um quadro temático onde predomina a Teologia que representa 44% do total dos livros. A História está em segundo lugar, representada em 21% dos livros, assinalando, assim, a importância da matéria para os monges bentos. Temáticas como a literatura e a jurisprudência, estão representadas, respetivamente, em 13 e 11% dos livros de Tibães e em lugar menor vinham os livros que versavam as Ciências e Artes, a Poligrafia, História Literária e a Bibliografia, que representavam 2% do total da livraria⁷⁶.

As livrarias portuguesas do século XVIII, evidenciam tendência para se abastecerem de livros em linguagem nacional preferindo de seguida o latim, enquanto língua de

⁷⁶ RAMOS, Maria Teresa C.F. Oliveira - *A Biblioteca de São Martinho de Tibães no século XVIII: in Bracara Augusta* – “Revista Cultural da Câmara Municipal de Braga”, Vol. LV, n.110(123), Braga, Câmara Municipal de Braga, 2007, p. 65-66.

comunicação universal para o mundo de então; seguiam-se os livros em castelhano, pela proximidade e pelo volume editorial nesta língua usada por autores portugueses no período da união ibérica, a que se seguiam os livros em francês, estes em número pouco significativo⁷⁷. No caso da Biblioteca de Tibães, apresenta um maior número de títulos em Latim, 46%. Seguem-se 29% de edições em castelhano, 14% em língua francesa, 7% em italiano e 4% noutras línguas como o Grego e o Inglês. Reminiscentes são as edições em árabe (2 títulos) e como língua de uma só edição conta-se o hebraico, o holandês e o alemão⁷⁸.

Quanto a formatos, sabemos que na Biblioteca do Mosteiro de Tibães se encontram predominantemente livros em tamanho in 4º (35% dos livros), seguindo-se os *in-fólio*, com uma percentagem de 31%, os In 12, com 17% e 9% em in 8. Os livros de formato In 16 de tamanho mais reduzido representavam 5% de toda a livraria. Significa isto que predominava nesta biblioteca o livro de maior tamanho⁷⁹.

Suportavam os cerca de 25000 a 30000 volumes ou tomos⁸⁰ que constituíam a livraria beneditina das cercanias de Braga, correspondentes aos 3375 títulos constantes do Index da mesma, elaborado em 1788, grandes e “nobres estantes em “pau-brasil” mandadas construir pelo Geral, D. Frei José de S. Boaventura. Em 1745, Frei Marceliano de Ascensão na “*Crónica do antigo real e palatino mosteiro de São Martinho de Tibaens desde a sua primeira fundação athe ao presente*” considerava já a biblioteca de Tibães como a mais importante biblioteca da Província do Minho e continha a melhor coleção de livros, pelo que a considerava uma das principais bibliotecas do reino⁸¹.

Reconstituir o espaço físico desta biblioteca é tarefa difícil face às parcas descrições. Sabe-se que se encontrava instalada num aposento iluminado apenas por três frestas⁸². Constituía-na 24 estantes e cinco bancos, que estavam rematados com frisos de folhagens executadas em madeira brasileira. Menciona-se ainda a existência de duas mesas de pau do Brasil, de quatro tamboretas de moscóvia preta que eram utilizados nas celas das visitas dos seculares, de dois bancos pequenos e de duas estantes que se colocavam sobre as mesas para segurarem os livros que estavam a ser utilizados, uma escada dobradiça que tinha como função retirar os livros colocados em lugares normalmente não acessíveis. A livraria possuía também uma escrivaninha de latão e um

⁷⁷MARQUES, Maria Adelaide Salvador Marques – *A Real Mesa Censória e a Cultura Portuguesa*, Separata do “Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra”, Vol. 26, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1963, p. 73.

⁷⁸RAMOS, Maria Teresa C.F. Oliveira – *A Biblioteca de São Martinho de Tibães no século XVIII...*, p. 63.

⁷⁹ Idem, *Ibidem*, p.79.

⁸⁰ Assim a avaliou em 1822, BALBI, Adrian – *Essay StatistiquesurLeRoyaume de Portugal et d’Algarve compare auxautresÉtats de l’Europe*, tome 2º p. 91.

⁸¹ ASCENSÃO, Marceliano – *Crónica do antigo real e palatino mosteiro de São Martinho de Tibaens desdea sua primeira fundação athe ao presente*, 1745. Cx. 16, Lv. 19, fl. 503 v.

⁸²RAMOS, Maria Teresa C.F. Oliveira – *A Biblioteca de São Martinho de Tibães no século XVIII...*, p. 49.

tinteiro com sua poeira de chumbo. Esta biblioteca era protegida por um sistema de segurança a quatro chaves distribuídas pelo Abade Geral, Prior, Bibliotecário pelo Principal Frei Manoel de Ascensão.

Frei Francisco de S. Luís Saraiva⁸³, mostra detalhes descritivos que situam a livraria no lado meridional do edifício, iluminada por três grandes janelas envidraçadas com vista para a cerca do mosteiro, que lhe forneciam a luz necessária à leitura. Duas dessas janelas, as dos lados, eram grandes e tinham peitoril, grades de ferro e vidraças. A do meio, achava-se rasgada até ao pavimento da livraria, possuindo igualmente vidraças e grades de ferro. Nessa altura, estava já dotada de onze bancos, sinal de ampliação. Do mobiliário, salienta-se duas grandes mesas ou balcões cobertos de pano verde, (mais tarde de oleado, como em nota lateral sublinha), encontrando-se tais mesas ou balcões rodeados de estantes, umas fechadas, destinadas a manuscritos do mosteiro e de outros cenóbios beneditinos, outras abertas para depósito dos livros que, no virar do século, eram já muitos, pelo que não cabiam nas estantes. Saraiva, salientou ainda os gavetões por baixo das estantes onde se guardavam os papéis avulsos, conclusões, ou programas científicos e livros velhos e deteriorados. Deixou até notícia do aproveitamento dos vãos das janelas de peitoril, onde se encostaram estantes e pequenas mesas para consulta de livros.

Pudemos também perceber o ambiente no interior da biblioteca pela descrição do mobiliário, nomeadamente pelos tamboretos onde se sentavam os leitores junto das mesas e da comodidade no acesso à parte superior das estantes, feito através de duas escadas, uma de mão e de dobradiças, outra de maior tamanho que se movia através de rodas de bronze e tinha na parte superior um varandim de parapeito que permitia que se estivesse comodamente sentado nela a consultar qualquer livro.

A avaliação que Frei Francisco de São Luís Saraiva fez desta livraria, coloca-a como uma das melhores do reino em matéria teológica, composta que foi de muitas Bíblias, algumas das quais raras. Por outro lado, salienta a presença das obras dos *Santos Padres* em edições antigas e modernas, ao mesmo tempo que releva o número de livros de teologia dogmática e moral e de outros ramos das ciências eclesiásticas. Já em matéria de Jurisprudência canónica e civil, bem como de Filosofia e Literatura, considerava-a menos rica. Contudo, no capítulo dos livros de História profana ou eclesiástica, aponta-a como bem fornecida de clássicos e de coleções fontes da história. Louva ainda as raridades existentes nesta livraria sobre a História de Portugal, obra do D. Abade Fr. Manuel de Santa Rita Vasconcelos que entre Maio de 1798 a Maio de 1801, dotou Tibães com a Coleção Antiga e Moderna de Portugal, bem como com “*a Continuação das Memórias da Academia Real das Ciências de Pariz; as Memórias do Instituto Nacional de França; alguns Volumes que*

⁸³A M S- Livro das Alfayas de todas as oficinas e quintas. Cx. 17, Lv. 23, fl. 65.

*faltavão da Collecção de Concílios de Labbe; e a grande Obra da Encyclopædia Methodica, com que ficará mais ennobrecida, e rica a Livraria deste Mosteiro”.*⁸⁴

LEITURAS E LIVRARIAS PARTICULARES

De resto, esta descrição é de um colecionador e apaixonado por livros como tivemos oportunidade de testemunhar no estudo que fizemos da sua própria biblioteca⁸⁵. De facto, entrando já no domínio das livrarias privadas portuguesas do século XVIII, aquela que o Cardeal Saraiva reuniu ao longo da sua existência, aproxima-se em quase tudo do modelo de Tibães, em escala menor, mas ainda assim, constituída por 2045 títulos⁸⁶, o que faz dela uma das maiores livrarias particulares portuguesas do século XVIII. Nela predominam as edições em língua portuguesa, bem distanciadas dos livros editados em latim, seguindo-se em ordem decrescente as obras em francês que, em número, quase se equiparam às edições latinas, dando de menor expressão os livros em castelhano, italiano e inglês. Já quanto a temáticas, a livraria reunida pelo Cardeal Saraiva reflete os gostos do seu colecionador. Assim, e em maior número, encontram-se nela os livros de História. Seguem-se literatura e Teologia, os de Ciências e Artes e por fim os de jurisprudência. Seguimos, é claro, a classificação dada pelo próprio colecionador ao elaborar o Index da sua biblioteca. Ou seja, uma livraria que mostra claramente os interesses do seu possuidor.

Relembramos que o Cardeal Saraiva foi dedicado historiador, não menos qualificado cultor das letras em geral, homem de profunda cultura, à qual associou a ânsia do saber enciclopédico, eclético portanto, que marcou intelectuais renomados do seu tempo. Por isso mesmo, não estranhemos os livros que procurou, e o que a sua leitura nele produziu. Trata-se de uma personalidade formada na cultura do seu tempo. O império das correntes de pensamento científico do seu tempo levaram-no a escolher arrumar nas prateleiras da sua biblioteca quase todo o “arsenal” livresco iluminista. Por outro lado, tratando-se de alguém que presidiu aos destinos da Universidade portuguesa como reitor de Coimbra, estava desperto naturalmente para o vanguardismo inovador que o Estudo Geral, reformado em 1772, arrastou consigo. Não ficou cego aos clarões da afirmação científica que brotava depois de liberta a razão, enquanto motor do conhecimento humano e ao serviço do próprio devir das sociedades, agora fundadas em novas formulações de organização, decorrentes da revolução francesa, pela qual nutriu também ampla simpatia. Certamente por tudo isto a sua livraria apresenta um bom lote de livros no capítulo das Ciências e Artes. A sua função

⁸⁴ Livro das Alfayas..., Lv. 23, Cx. 17, fl. 68.

⁸⁵ CARDOSO, António Barros – *Ler na Livraria de Frei Francisco de São Luís Saraiva*: Ponte de Lima, Câmara Municipal de Ponte de Lima, 1995.

⁸⁶ Idem, *Ibidem*, p. 185

de acompanhante do Geral da Ordem Beneditina e as responsabilidades administrativas fê-lo reunir um bom lote de livros de jurisprudência, sem deixar de nele incluir os livros dos reformadores iluministas do direito civil.

Merece lugar entre as livrarias portuguesas reunidas em finais do século XVIII, a biblioteca de D. João de Magalhães e Avelar, Bispo do Porto, um colecionador que em nada fica atrás de Saraiva. Também ele encomenda livros de outras partes do país⁸⁷ e do estrangeiro. Alguns desses livros, proibidos pela censura e que lhe chegavam “disfarçados” ou trazidos nas malas de diplomatas imunes de represálias. Outros eram mesmo adquiridos em leilões.⁸⁸ Seja como for, um bom espólio repartido por livros de História Política, Económica e Social (31,8% das obras classificadas) por obras de cariz religioso (21,7%), biografias (7,5%) Literatura Histórica (7,8%), Literatura de Viagens (8,5%) e História Antiga (5,8%) do total dos livros que compunham esta livraria⁸⁹.

Aqui pontuaram as edições em língua francesa, que representaram 57,1% do total do espólio. Em português 19,3%, em latim 15, 6% e em castelhano 5, 7% do total das obras, seguindo-se em número limitado livros em inglês, italiano ou grego e hebraico ou até bilingues⁹⁰.

O contraste destas livrarias reunidas por grandes intelectuais, da viragem do século XVIII para o XIX, é grande com as livrarias particulares que se reuniram, por exemplo, na cidade do Porto da segunda metade do século XVIII, dadas a conhecer nos relatórios que os seus detentores enviaram à Real Mesa Censória, em cumprimento da determinação desta em obrigar à elaboração de listas de livros por parte dos seus possuidores, fossem eclesiásticos ou leigos, tratando-se de livraria de livre curso, ou interdita pelo Índice vigente. O objetivo era o de controlar o que a população podia ler sem que os seus espíritos fossem perturbador por fórmulas novas atentatórias do poder político vigente, ou subversivas em relação aos valores da moral católica. Apesar da criação da Real Mesa ter representado uma viragem na censura portuguesa, rompendo com a tradicional maioria de religiosos entre os revedores ordinários do que se dava à estampa em Portugal, não abrandou a censura, antes mudou de mãos e fez incidir atenções, agora, nas obras de índole política e menos nas de cunho religioso veiculadoras da heresia. Por isso, os leitores da cidade do Porto da época mostraram à nova mesa que o pombalismo instituiu boa parte do que liam. Nessa altura, as obras de índole religiosa representavam 33% das leituras, seguidas pelas Belas Letras que se cifra representassem 21% das leituras dos portuenses. A preocupação com a

⁸⁷ OLIVEIRA, José António Mendonça Pereira- *A Paixão da História na Biblioteca de D. João Magalhães...*p.62-63.

⁸⁸Idem, *Ibidem...*p. 68-70.

⁸⁹Idem, p.77.

⁹⁰Idem, p. 80.

jurisprudência civil e canónica interessava 16% dos leitores que se dedicaram em igual percentagem à leitura de obras de História e de Geografia⁹¹.

CONCLUSÃO

O livro teve, ao longo dos séculos XVI a XVIII, uma importância crucial na formação das mentalidades, no progresso das correntes de opinião e, por essa via, na materialização de mudanças profundas na maneira de se ser europeu. Alguns dos grandes intelectuais europeus desses tempos, perceberam mais cedo o valor dos livros e aprenderam a colecioná-los de forma racional, preocupando-se com a sua boa ordem. As suas bibliotecas refletem a percepção que alcançaram de que os livros são cómodos veículos de informação. Com eles perceberam que se pode viajar sem sair do mesmo lugar, agitar ou tranquilizar o espírito e abri-lo a novas de entendimento humano. Percebe-se que neles cristalizam as mudanças de paradigma nas ciências, na jurisprudência, no pensamento religioso. Com eles apreendem-se novas formas de viver que relativizam preocupações de índole sócio económica e cultural. Neles entende-se o multiculturalismo europeu e universal, vão-se amenizando radicalismos pela reflexão serena sobre os exemplos do passado. Em suma, os livros são veículos de civilização e as bibliotecas, públicas ou privadas, são pedaços da herança cultural da humanidade que a Europa primeiro ajudou a firmar.

BIBLIOGRAFIA

A M S - Livro das Alfayas de todas as oficinas e quintas. Cx. 17, Lv. 23, fl. 65 e 68.

Ascensão, M. (1745). *Crónica do antigo real e palatino mosteiro de São Martinho de Tibaens desde a sua primeira fundação até ao presente*. Cx. 16, Lv. 19, fl. 503 v.

Balbi, A. (1822). *Essay Statistique sur Le Royaume de Portugal et d'Algarve compare aux autres États de l'Europe*, tome 2º, p. 91.

Cardoso, A. (1995). *Ler na Livraria de Frei Francisco de São Luís Saraiva*: Ponte de Lima, Câmara Municipal de Ponte de Lima.

Chartier, R. (1990). *As práticas da escrita*: in "História da Vida Privada – do Renascimento ao Século das Luzes", Porto, Edições Afrontamento, Vol. 3.

⁹¹ LOUREIRO, Olímpia Maria da Cunha – *O Livro e a Leitura no Porto do Século XVIII*: Porto, Centro de Estudos D. Domingos Pinho Brandão e Fundação Engenheiro António de Almeida, 1994, p. 150.

Loureiro, O. (1994). *O Livro e a Leitura no Porto do Século XVIII*: Porto, Centro de Estudos D. Domingos Pinho Brandão e Fundação Engenheiro António de Almeida, p. 150.

Marques, M. A. (1963). *A Real Mesa Censória e a Cultura Portuguesa*, Separata do “Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra”, Vol. 26, Coimbra, Imprensa da Universidade.

Oliveira, J. (1995). *A Paixão da História na Biblioteca de D. João Magalhães*, Dissertação de Mestrado, FLUP, Porto.

Ramos, M. T. (2007). *A Biblioteca de São Martinho de Tibães no século XVIII*: in *Bracara Augusta* – “Revista Cultural da Câmara Municipal de Braga”, Vol. LV, n.110(123), Braga, Câmara Municipal de Braga.

